

Boletim SOMOS A FLORESTA

ANO 2 - nº 4 - MARÇO 2022 BELÉM/PARÁ - AMAZÔNIA/BRASIL

Editorial

Enchentes, chuvas demasiadas, secas prolongadas. Cada vez mais essa realidade é pautada nos noticiários e provoca impactos tanto na cidade quanto às populações do campo, da floresta e das águas. E o que isso tem a ver com o desmatamento da Amazônia? Enquanto a Amazônia queima, o mundo pede socorro! O fogo libera um volume tão grande de gás carbônico (CO²) para a atmosfera, que a floresta amazônica não consegue absorver no mesmo ritmo. Com tanto CO², o planeta superaquece e isso vem provocando as mudanças climáticas sentidas no dia-a-dia. Este é um ciclo vicioso que pode causar um colapso se as ações humanas não sofrerem mudanças. A pandemia evidenciou mais ainda o quanto tudo está interligado no planeta Terra e o quanto é necessário atuar pela coletividade. Nesta edição, vamos dialogar um pouco sobre a emergência climática, a ameaça que esta situação provoca em todo o mundo e a necessidade de cuidar dos bens comuns.

A PANDEMIA MOSTROU QUE NO PLANETA TERRA TUDO ESTÁ INTERLIGADO.

A ação danosa dos humanos perturbou o equilíbrio entre os demais seres vivos, criando as condições para o surgimento do vírus que causou mortes em todos os países do planeta. Foi exigida uma resposta global, com políticas públicas de saúde, regional e local. O mundo passou a adotar ações de proteção com o uso máscaras, distanciamento social, higiene, vacinação e alimentação saudável.

A situação fez revigorar a solidariedade, a reciprocidade, a cooperação, substituindo o individualismo, a dominação e a concorrência, possibilitando resistir e fazer a vida vencer; de outro lado, centralizou a nossa atenção no cuidado com as pessoas, com a natureza, procurando substituir a sua exploração, motivada pelo lucro, pelo uso sustentável, agroecológico, valorizando os bens comuns a toda vida existente.

Liderando uma iniciativa de Sistema Agroflorestal juntamente à distribuição de mudas para reflorestamento, Mariana Rodrigues, agricultora do município de Castelo dos Sonhos (PA), diz que mesmo atuando no incentivo da preservação dos bens comuns, as consequências das mudanças climáticas são fortemente sentidas na comunidade. “Temos consórcio da atividade agrícola com a atividade florestal. Reflorestamos e protegemos nascentes. Mas a gente sente os sintomas do desmatamento. Então tentamos incentivar as famílias a preservarem nascentes, rios e córregos.

Principalmente nas comunidades camponesas e dos povos indígenas, comunidades quilombolas e de agroextrativistas, ficou evidente a importância das relações de amizade e reciprocidade, com ações de cuidado



Em sua comunidade, Mariana Rodrigues (à frente) atua na distribuição de mudas para reflorestamento de áreas degradadas.

mútuo, as trocas e doações durante as fases mais graves da pandemia e a continuidade com o cuidado com os bens comuns. As mulheres tiveram um papel fundamental nessa rede de solidariedade. De seus quintais, produziram alimentos, ervas medicinais e lideraram os processos de arrecadação, de troca e de doação.

A pandemia nos mostrou que a desordem no meio ambiente foi capaz de alterar nossas condições de vida, provocando consequências graves, principalmente à saúde e à segurança alimentar, em todo o mundo. Portanto, é necessário cuidar da saúde do planeta para garantir a saúde da população.

PACHAMAMA! A MÃE TERRA

Você já ouviu falar em Pachamama? É o nome da divindade máxima da cultura dos povos indígenas da região da América Andina, constituída pelos países atravessados pela Cordilheira dos Andes, que são Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Peru, Venezuela e Argentina. Além de representar a resistência e luta dos povos originários daqueles países, indica a presença divina em meio aos homens e mulheres, tanto através da terra como em tudo que o planeta Terra pode representar: a fertilidade e o sustento da vida e a harmonia entre tudo que compõe a natureza. Daí saiu a tradução para a língua portuguesa, a Mãe Terra, que alimenta todos os sistemas, dinamiza, protege, faz crescer, integrar e diversificar todas as expressões de vida, inclusive a vida humana.

A Mãe Terra gera a vida no planeta através de uma engrenagem que interliga absolutamente tudo, a saúde do corpo, da mente, o bem-estar da alma, a relação com a natureza, com biodiversidade, ao movimento da vida. Com tanto desrespeito à vida no planeta, a Mãe Terra vem adoecendo e vem sofrendo cada vez mais com os desmatamentos, com as queimadas, com o uso acelerado dos combustíveis fósseis, tanto pelos automóveis, quanto pelas indústrias e usinas termoelétricas, e outras atividades extrativistas como a mineração, monoculturas e pecuária extensiva que poluem, enfraquecem o solo e contaminam nossa água.



Muita gente diz que o aparecimento do Coronavírus foi um protesto da nossa Mãe Terra. A rotina de todas as pessoas foi afetada e a vida no planeta Terra se tornou cada vez mais ameaçada. Muita coisa mudou na economia, na cultura, nos modos de vida das pessoas. A fome e a miséria aumentaram nas ruas e nos lares, os preços dos alimentos, do gás de cozinha, da gasolina, por exemplo, subiram absurdamente, famílias ficaram desabrigadas com a expansão do desemprego, milhares de pessoas ficaram depressivas com essa nova realidade trazida pelo isolamento social. E há quem diga que a vida pós-pandemia, chamada de “novo normal”, seguirá ameaçada por novos episódios de contaminação em massa.

Comunidades sentem alterações em seus modos de vida

De acordo com Valéria Carneiro, quilombola do município de Salvaterra, na Ilha do Marajó (PA), as mudanças climáticas estão afetando a vida das comunidades, principalmente das mulheres. “É impossível não sentir as mudanças climáticas nas comunidades. As árvores frutíferas demoram mais para dar as frutas. As colheitas estão tardando por falta de chuvas. Aqui o mato está seco, tem muita poeira. As mulheres são as que mais sentem as mudanças, pois somos nós que cuidamos dos quintais. O que estamos fazendo para melhorar um pouco é manter os matos nos quintais, pois manter o mato protege o solo da seca e ajuda a manter as árvores. Incentivamos também as pessoas a plantarem árvores para que não tenhamos um maior dano mais tarde. Também temos sentido muito impacto nos rios e igarapés que estão secos numa época que era pra ter peixes”, diz.

Outra agricultora, Selma Ferreira, do município de Belterra (PA), relata a dificuldade em lidar com tantas mudanças no campo. “O clima está muito quente, os igarapés estão secando. As plantas estão muito tristes. A gente age, mas mesmo assim estão frágeis. Aqui no assentamento, estamos cuidando de alguns viveiros de mudas, se preparando para coletar mais sementes, dizendo aos comunitários para terem cuidado com as queimadas. Mas



Populações do campo, da floresta e das águas contribuem para a diminuição da temperatura do planeta Terra.



RECLAMA

está muito difícil. O Sol está muito ardente, mesmo na sombra, e as plantas e os animais sentem muito. As pessoas estão com problemas de pele e respiratório com o avanço das queimadas”.

Consequências das mudanças climáticas

No dia 10 de agosto de 2019, deu-se início a uma série de episódios de queimadas criminosas no entorno da BR 163, no Pará, principalmente no município de Novo Progresso, provocadas por fazendeiros, com o objetivo de transformar a floresta em área de pasto para a criação de gado. Este dia ficou conhecido como o dia do fogo, que se estendeu por muitos outros dias, aumentando os focos de calor na região.

Para se ter uma ideia, durante os dias 10 e 11 de agosto daquele ano, o Instituto Nacional de Pesquisas Socioespaciais (INPE) detectou 1.457 focos de queimadas no Pará. O desmatamento da Amazônia não é um fenômeno da natureza, mas está intimamente relacionado ao agro-hidro-mineronegócio, provocando a devastação de florestas primárias, da sociobiodiversidade, o aumento da temperatura na atmosfera. De uns anos pra cá, Amazônia tem sido palco de muita preocupação em nível global, devido à intensidade com que vem ocorrendo as mudanças climáticas.

Muitos pesquisadores dizem que o mundo todo se encontra em uma situação de EMERGÊNCIA CLIMÁTICA, à beira do abismo. Os cientistas estão monitorando as mudanças climáticas e, com base no último Relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC/2021), alertam que a natureza não tem mais capacidade de absorção do volume de emissões globais de gases de efeito estufa e que é preciso realizar novas estratégias para evitar o desastre climático.

RELATÓRIO DO PAINEL INTERGOVERNAMENTAL SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS (IPCC/2021)¹

“As temperaturas globais podem levar entre 20 a 30 anos até que se estabilizem. O relatório Mudança Climática 2021: a Base das Ciências Físicas, foi adotado pelos 195 membros do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC).

O estudo realça a influência humana no aquecimento do planeta num ritmo sem precedentes nos últimos 2 mil anos. Com isso, as consequentes mudanças na temperatura e nos extremos climáticos afetam todas as regiões do mundo.

vembro de 2021, todos os países no mundo se encontraram na Conferência das Partes sobre Mudanças Climáticas da ONU, a COP 26, realizada na Escócia, no Reino Unido, para chegar a um acordo do que fazer para reduzir as emissões de carbono.

Embora muitos pontos tenham sido acordados entre os países para a contenção do aquecimento global, há ainda muitas contradições entre estes pontos. Por exemplo, acreditamos que o Mercado de Carbono não é uma saída adequada para salvar o clima. Isso

Os principais pontos do acordo feito na COP 26 foram:

- 1 Redução de Emissões;
- 2 Financiamento aos países pobres;
- 3 Reparações;
- 4 Mercado de Carbono;
- 5 Trabalhos técnicos.

Alterações causadas pelas emissões de gases de efeito estufa no passado e no futuro serão irreversíveis daqui a séculos ou milênios. As mudanças mais destacadas serão em oceanos, geleiras e no nível global no mar.

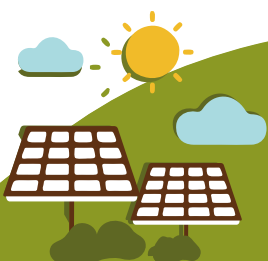
Neste relatório, os cientistas do mundo inteiro declararam que como consequência do modo de viver, de produzir e de consumir dos seres humanos, o planeta Terra está esquentando demais. Preveem, para até 2050, 5 graus além do que a Terra pode suportar. Isto causa uma ameaça direta à vida no planeta pelas mudanças climáticas, como secas, inundações, incêndios, fome, doenças e mortes.

Alertam que em até 2030 devemos reduzir o crescimento do calor no planeta sob pena de não podermos controlar a situação prevista para 2050. Esta ameaça é tão séria que, em no-

porque é uma proposta que está ligada à monocultura, geralmente de eucalipto e soja, por exemplo. E já sabemos que o monocultivo é uma ameaça aos territórios dos povos indígenas, comunidades quilombolas e populações tradicionais. As empresas poluidoras acham que têm o direito de continuar poluindo porque estão “reflorestando” áreas desmatadas, como uma forma de compensação.

É importantesaber que Plantações não são florestas! O Mercado de Carbono não é solução para a crise climática. Vamos compreender um pouco mais na entrevista a seguir.

¹ O relatório é publicado após a atualização sobre a ciência e o clima de 2013, quando governos se preparam para apresentar planos de redução de emissões na Cúpula do Clima, COP-26, agendada para novembro de 2021, em Glasgow, na Escócia”. Fonte: <https://news.un.org/pt/story/2021/08/1759272>



POPULAÇÕES TRADICIONAIS PROTEGEM O PLANETA

Formado em 2009, a partir de um processo que culminou em um seminário na cidade de Belém (PA) e na publicação de um manifesto que dá nome ao coletivo, o Grupo Carta de Belém (GCB) é uma rede de articulação de movimentos sociais, sindicais, organizações não-governamentais e pesquisadoras/es que atuam na defesa dos direitos à terra e territoriais e socioambientais de povos e comunidades tradicionais, camponesas, povos indígenas, agricultora/es familiares e populações periféricas das cidades, frente às crises ambiental e climática. Tendo incidido sobre o diálogo em torno das políticas sobre o clima, Maureen Santos, representante do GCB, e também Coordenadora do Grupo Nacional de Assessoria da Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE) nos fala sobre a questão da emergência climática e a importância dos povos indígenas e populações tradicionais para a proteção do meio ambiente.



Maureen Santos

FD: Todo mundo tem culpa pelo aquecimento do planeta? Quem são verdadeiros os responsáveis?

Maureen: Não. Desde a Revolução

Industrial os países do Norte global, chamados desenvolvidos, apoiaram seu desenvolvimento na utilização da queima de carvão mineral, que iniciou uma emissão de gases de efeito estufa (GEE) sem precedentes. Por isso que a Convenção de clima tem por base o princípio das responsabilidades comuns, porém diferenciadas. Mas mais para o final do século XX, outros países também começaram a contribuir com as emissões, implementando modelos de desenvolvimento que seguem tendo a extração e queima de combustíveis fósseis como base para a geração de energia e manutenção do sistema capitalista e sua produção de desigualdades. Neste sentido, os Estados, em especial os mais ricos e industrializados, as elites do Norte, mas também do Sul, e as corporações transnacionais tem grande responsabilidade na crise climática.

FD: O Mercado de Carbono foi um dos pontos principais do acordo na COP 26. Por que ele é considerado uma falsa solução para o aquecimento global?

Maureen: Na verdade, a COP 26 somente definiu as regras para o funcionamento do artigo 6º do Acordo de Paris, que trata da regulação do mercado de carbono oficial pós Protocolo de Kyoto e também do chamado mecanismo de não mercado. Esse mercado já tinha sido oficializado nesse Protocolo quando foram criados os mecanismos de flexibilização das metas de redução de CO2 dos países desenvolvidos, no tratado chamados de Anexo 1. Apesar do fracasso de Kyoto e desses mecanismos não terem funcionado para cumprir seus objetivos – reduzir as emissões –, retorna com nova roupagem e nome. É considerado falsa

solução exatamente por efetivamente não atuar na redução das emissões, mas na transferência de responsabilidades de um país para outro, fazendo com quem possa pagar siga poluindo, desde que tenha outro país e/ou projeto em países dispostos a reduzir as emissões por meio da compensação. A grande preocupação no pós COP 26 é que esse mercado se aproprie das florestas, incluindo as mesmas nesse esquema de compensação de emissões.

FD: Qual o papel dos povos indígenas, comunidades quilombolas e populações tradicionais para a contenção do aquecimento global?

Maureen: Os povos indígenas, comunidades quilombolas e populações tradicionais são os verdadeiros protetores das florestas e das regiões ecológicas que garantem o equilíbrio climático. Como tal deveriam ser reconhecidos e valorizados por meio de políticas públicas estruturantes, da garantia do direito a seus territórios, de financiamento para geração de renda e manutenção dos seus modos de vida da forma como bem decidirem. Infelizmente, nos fóruns globais esses povos seguem sem poder ocupar o papel que deveriam e terem suas vozes ouvidas. Se isso fosse feito e os recursos canalizados para essas medidas, seguramente teríamos um enfrentamento muito maior a um dos vetores importantes do aquecimento global, que é o desmatamento. De qualquer forma, sempre é importante recordar que em torno de 80% das emissões de GEE seguem pela queima de combustíveis fósseis, então se não mudarmos profundamente o modelo de desenvolvimento e ouvirmos o que esses povos tem a dizer, não resolveremos a grave crise que vivemos.

PROJETO AMAZÔNIA AGROECOLÓGICA

Informativo produzido por Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE)/Fundo Dema



Amazônia
Agroecológica

Jornalista Responsável: Élide Galvão 2238 DRT/PA

Textos: Élide Galvão, Matheus Otterloo e Vânia Carvalho

Tiragem: 2.000 exemplares

APOIO:



REALIZAÇÃO:

